

As várias fases da obra de Malangatana (IV)

Portugal e Europa

consagração

sem compromisso

O contacto com novos tipos de sociedade, o acumular de conhecimentos diversos e o seu aproveitamento para um cada vez maior enraizamento no seu povo — é a nova fase da obra de Malangatana que se estende de Abril de 1971 a Março de 1974, a qual nos referiremos nesta e na próxima edição.

Tendo-lhe sido atribuída uma bolsa pela Fundação Gulbenkian para em Portugal, aprender gravura e cerâmica, Malangatana devia ter chegado a Lisboa no dia 9 de Abril de 1971.

Mas não chegou.

No dia anterior ao da sua partida para Lisboa, a PIDE foi buscá-lo e, depois de uma longa conversa cheia de ameaças, não o deixou embarcar.

Dez dias depois voltaram a ir buscá-lo e, depois de mais ameaças, deixaram-no então seguir no próximo avião, tendo tido o requinte de, à chegada a Lisboa, um agente o ter vindo contactar e prevenir de que «o comissário há-de falar consigo mais tarde».

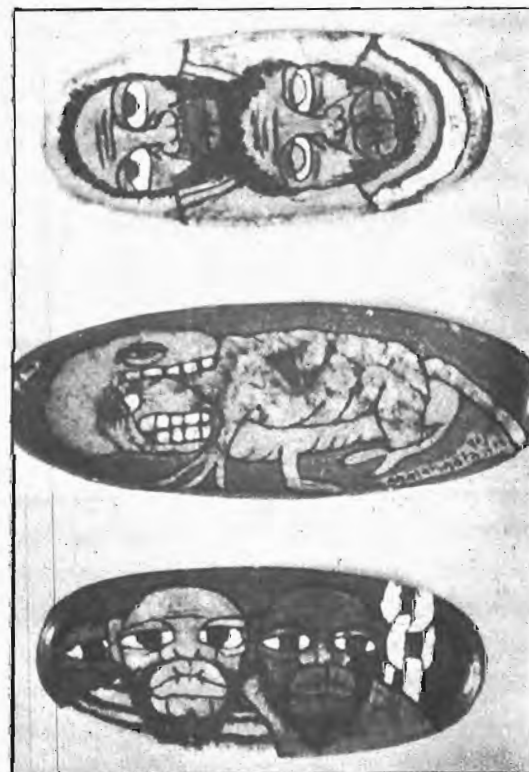
Iniciando o seu trabalho na Sociedade Cooperativa de Gravadores Portugueses e na Viúva La-

meço, Malangatana começou a ser assediado pelo regime: devia fazer uma exposição no salão oficial e deixar-se entrevistar para a «Revista do Ultramar». Em plena época de «Portugal-do-Minho até Timor» era importante que as bolsas da Gulbenkian fossem pagas com o compromisso.

Malangatana consegue evitar essa colaboração — nem salões oficiais nem «Revista do Ultramar» ... Quanto a exposições em salões oficiais ou inauguradas por entidades do regime foi mesmo o único bolsheiro Gulbenkian de Moçambique que manteve essa atitude de não-colaboração.

Terminada a «bolsa» necessário era, antes de regressar a Moçambique, mostrar «servir» para outra coisa para além de «dar cor» à concessão de bolsas.

Organizam-se duas exposições simultâneas de pintura. Uma na Sociedade Nacional de Belas Artes, associação portuguesa de



Malangatana usa a cerâmica apenas como suporte da sua obra habitual

grandes tradições tanto nas artes plásticas como na sua luta pela Cultura (e o mesmo era dizer contra o fascismo) e na Galeria Bucholz, uma galeria muito artisticamente considerada e pouco comercialmente.

A CONSAGRAÇÃO

Antes de inauguradas as exposições, Malangatana teve que regressar a Moçambique. O que iriam ser? Como é que o público e a crítica as iria receber?

E foi a consagração.

Ao deixar Lisboa, o artista ia com uma preocupação muito concreta: as molduras dos seus quadros tinham sido feitas a crédito. Nem ele, nem o amigo que ajudara a preparar as coisas, tinham dinheiro — esperava-se vender pelo menos um quadro de modo a que se pudessem pagá-las.

O problema não tinha razão de ser: todos os trabalhos para venda que Malangatana expôs nas duas salas foram, quase que imediatamente, vendidos...

Isto pois a consagração do público. A crítica, por sua vez, afirmava-se conquistada.

«Malangatana aflora (...) o ritmo de uma outra cultura e sobretudo os problemas técnicos de um outro tipo de representação. (...) Mas o estado de pureza deste pintor, a sua resistência às contaminações originadas por outras coordenadas culturais (...) contribuem para o singularizar perante a decisão do nosso olhar», dizia o crítico de arte português Rocha de Sousa, no «Diário de Lisboa», prossequindo: «(...) A força telúrica da sua pintura, a explosão sensual das suas cores e a presença mítica dos seus monstros, percorrem a palpitação ingénua de uma escrita que exprime os sonhos e pesadelos de um povo. (...) Malangatana pinta obsessivamente a presença dos seus irmãos de raça, a sua vida familiar e as raízes da sua crença, o seu trabalho, as suas alegrias e os seus receios, fazendo por vezes a narração violenta (e a denúncia) dos obscurantismos que prendem essa gente de olhar fixo ao fundo vago da sua história. Em tudo isto, não há apenas medo, magia, sonho e memória: há também humor (...).»

O jornal «O Século» noticiava a dupla exposição sob o título «O maior pintor moçambicano» e o «Século Ilustrado» dedicava-lhe mais de uma dezena de páginas numa longa entrevista em que o apresentava como:

«Inteiramente alheio aos circuitos da arte europeia, Malangatana Valente Ngwenya representa, com a sua obra, um complexo cultural que se distancia, no espaço e no tempo, dos complexos conhecidos.

«Ao vê-lo e conhecê-lo, há que efectuar um trabalho de transplantação e despaisamento, que se afigura útil mesmo de uma perspectiva antropológica: e nem só estética. Aprofundar a arte de Malangatana — ligada aos rumores e monstros de um inconsciente colectivo, de que ele emerge e de que é porta-voz, e que traduz com insuperável realismo — é aprofundar a significação espiritual de um povo, de uma mitologia, de uma existência étnica sui-generis». (Entrevista de Afonso Cautela).

Por sua vez, no «Diário Popular», Lima de Freitas afirmava:

«E se nos ocorreria classificar o pintor cubano Rios, de artista tépido — febre diminuída pelos redutores da cultura intelectual e crítica do Ocidente — a propósito do africano Malangatana conviria falar de uma pintura escaldante, no bom como no mau sentido.

«Num diapasão ao mesmo tempo ingénuo e violento, primitivo e sincero, com uma franqueza directa e uma evidência obsessiva, o pintor poveca as suas telas de uma multidão de faces e esgares, bichos assustadores, assombros nocturnos da floresta, espíritos totémicos, flores carnudas, corpos violentados (...).»

CERÂMICA, GRAVURA E DESENHO NA «COOP»

Regressado a Moçambique, o artista realiza uma exposição na COOP, para mostrar algo do que em Portugal tinha feito — gravura, cerâmica e desenho.

Garizo do Carmo, artista plástico português que residia em Lourenço Marques na época, escrevia no prefácio do catálogo da exposição: «(...) Para o observador-visitante mais iniciado, verificar-



Esta flautista marcando toda uma situação de opressão é, em 75, completada com o seu companheiro cantando a liberdade

-se-á que os trabalhos agora expostos não são de um Malangatana-Gravador nem tão pouco de um Malangatana-Ceramista. As técnicas várias, as receitas oficinais, as secretas alquimias dos ácidos e os caprichos do fogo, são testemunho de incipiências que Malangatana, em tão curto estágio, não pôde amadurecer (...). E ainda bem, pois que Malangatana ao enriquecer a sua bagagem de novas oficinas não se traiu nem traiu a sua verdadeira via de expressão natural: a pintura. Assim, nas peças pintadas a tintas cerâmicas sobre peças de barro seriais, continuamos (e felizmente) a sentir e a ler o Malangatana-Pintor (...).»

Ainda dentro do que se considera uma mesma fase do artista, Malangatana volta a Portugal e, desta vez, viaja mais pela Europa.

Uma exposição de pintura em Setembro de 1973 e uma de desenhos em Março de 1974 (esta última inaugura-se poucos dias depois da partida do artista de regresso a Moçambique) feitas ambas em Lisboa recebem por parte da crítica novo apreço de que daremos conta na próxima edição.